



## DCI 1 – Libras e o papel do fonoaudiólogo na educação dos surdos

Título: Acolhendo bebês surdos e suas famílias em um Centro de Educação Bilíngue Libras X Português

PALESTRANTE: Adriene Moraes Rosa

O presente trabalho aborda questões que envolvem o acolhimento de crianças surdas, de 0 a 3 anos, e suas famílias em um Programa de Estimulação em Libras, em particular, sobre a maneira pela qual se deixam ou podem se deixar afetar pelo funcionamento linguístico partilhado na relação com o (O)outro. Atualmente, já na maternidade, pode-se detectar a possível presença de uma perda de audição no recém-nascido. A urgência deste teste se justifica pelos prejuízos acarretados à fala e linguagem da criança advindos da privação auditiva, e frente à necessidade de reparação desta falta com os progressos tecnológicos e de reabilitação. O primeiro momento na vida deste bebê é marcado, assim, por olhares que se dirigem imediatamente e de forma isolada para o aspecto perceptual especificamente, apesar de a criança ainda funcionar em um corpo indiferenciado e que levará um tempo para progressivamente ir se dissociando. O que deve ser uma condição a ser considerada, é apresentado como uma deficiência a ser superada. O diagnóstico torna-se um tanto precoce quando o bebê perde a chance de se apresentar na relação com sua mãe. Isso acontece antes que ela possa levá-lo para a casa, antes que possa olhar para ele e “saber” de suas necessidades; antes que essa mãe possa se identificar com seu bebê lendo em suas reações uma demanda qualquer; e possa com suas palavras revestir simbolicamente este corpo. Os primeiros dias, meses e anos de vida são considerados vitais para a formação do sujeito, a base sobre a qual se sustentará qualquer construção que está por vir. O bebê se experimenta e se constitui na relação com este (O)outro que lhe oferece os cuidados básicos diários de alimentação, higiene e preservação da vida; através do olhar da mãe que antecipa sua constituição e que nele investe apresentando-lhe campo fértil para o desenvolvimento. Ninguém espera que um bebê articule palavra ou se utilize de gestos indicativos ou representativos para se comunicar. Ainda assim, a mãe supõe que seu bebê tenha algo a lhe dizer. Portanto, o foco na falta de audição não deve apagar o olhar para a condição de quem se emociona com o sorriso da mãe, se afeta com suas expressões, com as cores e paisagens que o cercam; de quem se vincula pelo toque e pelas carícias. O que acontece quando o corpo do bebê (que ainda não fala) fica perdido na visão do (O)outro e a possibilidade de vir a ser fica abalada? Como a criança surda pode ser afetada e suas produções sustentadas pelo discurso de seus pais ouvintes pela via do registro oral? Na Área da Surdez é fundamental estar alerta para o fato de a deficiência orgânica se apresentar anteriormente à possibilidade de constituição de sujeito pela linguagem, visão aceita pela tradição técnica. Cenas clínicas ilustram a necessidade de resgatar o corpo do bebê no olhar da mãe e questionam o lugar de autonomia do discurso da ciência enquanto regra geral à qual uma e todas as crianças devem ser ajustadas.